

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS URBANOS

Karla Maria Fredel¹

Resumo

O artigo aqui apresentado engloba questões referentes a sociabilidade dentro de espaços privados de convivência humana. No caso, o contexto temporal situa-se no século XIX e o contexto espacial divide-se em duas unidades domésticas localizadas em Pelotas, RS no Brasil e em Habana Vieja, Habana em Cuba. A primeira é a casa da família Maciel ou casa “8”, assim classificada pelo Projeto Monumenta*. A outra, é a casa Prat Puig, assim denominada pelo seu primeiro investigador, o historiador Francisco Prat Puig. Dentre as cidades pertencentes à Província de São Pedro no século XIX (o Rio Grande do Sul era assim denominado neste período), que prosperava com a comercialização da produção agrícola, Pelotas aparece com a produção do charque. Também, em Habana, crescem os engenhos, a produção de açúcar. Em ambas as localidades foi analisado o material arqueológico, no caso a louça doméstica para identificar quem as utilizava dentro destes espaços, neste sentido também a pesquisa trabalha com o elemento gênero.

* Projeto de restauração de cidades e monumentos históricos.

Palavras-chave: arqueologia, gênero, louça, sociabilidade, charque, açúcar.

Abstract

The article here presented covers subjects that refer to the sociability inside private spaces of human coexistence. In this case the temporal context is on the XIX century and the special context is divided in two domestic units, one located in Pelotas, RS in Brazil, and the other in Habana Vieja, in Havana, in Cuba. The first one is the house of family Maciel or house “8”, as labeled by Project Monumenta*. The second is house Prat Puig, named after its first researcher, the historian Francisco Prat Puig. Among the cities belonging to the São Pedro Province in the XIX century (as Rio Grande do Sul was named at that time), which prospered with agricultural commerce, Pelotas stand out with *charque* production. Likewise, in Havana, the sugar mills were prospering. In Both locations it was analyzed the archeological material, in this case the house china, to identify who used those in the particular houses, and in this sense the research also works with the gender element.

* Project of restoration of historical cities and monuments.

Keywords: archeology, gender, china, sociability, *charque*, sugar.

¹ UFPEL / ICH / LÂMINA. E-mail: karla.fredel@terra.com.br.

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de comprovar que através do estudo da cultura material pode-se conhecer costumes de culturas, sociedades passadas, trago os resultados de minha pesquisa, da minha tese de doutoramento. Nesse sentido, utilizei como estudo de caso, a louça doméstica de unidades domésticas, onde circulavam diferentes figuras sociais. As cidades envolvidas, Pelotas no Brasil e Habana Vieja em Cuba, apesar de cada uma ter suas particularidades, seus contextos culturais, históricos e arqueológicos aproximam-se em vários níveis. No século XIX, período focado na pesquisa, ao mesmo tempo que em Pelotas prosperava a produção do charque, iniciava-se o processo de urbanização na região. Tem início a mudança dos charqueadores e suas famílias (mais abastadas), das áreas rurais para as áreas urbanas. Tais negócios deram impulso aos negócios de importação e exportação para outros mercados, os comerciantes, agora, senhores da elite pelotense, importavam artigos, produtos europeus, mercadorias que variavam da louça doméstica, peças do vestuário, mobília, artefatos de decoração e até mesmo material construtivo. Tais medidas tornaram-se necessárias, pois a cidade e a nova sociedade que se formava, buscava o luxo e o refino dos países europeus, principalmente da França e da Inglaterra. Nesse sentido, em Habana Vieja também prosperava, pois suas vivendas, grande parte edificada no século XVII, funcionavam neste século como “tendas comerciais”. Tendo a cultura material, a louça doméstica como elemento mediador da pesquisa, foram estipulados parâmetros e analogias entre o material pelotense e o material habaneiro, como sua funcionalidade (como estes eram utilizados e por quem, senhor, senhora, escravo(a)), bem como suas respectivas procedências dentro do contexto oitocentista. Outro aspecto não menos importante abordado no trabalho, o gênero, trazendo a situação de dois segmentos bastante importantes dentro desta sociedade, mas pouco valorizadas no período, a mulher e o escravo. De acordo com Blanton (1994), tal situação é característica da “sociedade edificada”, utilizada como ferramenta de controle e do poder ideológico. Fala que a domesticação dos espaços e sua relação com a história da humanidade, como os grupos se organizam e transformam seus entornos de acordo com suas cosmovisões particulares.

Zarankin (2002) continua ao afirmar que o resultado destas mudanças ou transformações, traduz-se em heterogeneidades de lugares ou paisagens culturais. A ocupação do espaço, sua utilização, o saldo qualitativo que leva do espaço ao lugar é uma construção. A mudança sobre a sociedade ocidental no século XIX ao mesmo tempo do surgimento do capitalismo, surgem os grupos de poder e tomam consciência da importância de exercer o controle sob a construção material do espaço humano.

ARQUEOLOGIA DAS CONSTRUÇÕES/REFERENCIAL TEÓRICO

Dando continuidade a premissa, Zarankin afirma que as mudanças estruturais e sociais implicaram que cada vez mais as atividades fossem realizadas dentro de estruturas construídas. Os prédios são objetos sociais e como tais, são carregados de valores e sentidos próprios de cada sociedade. São participes ativos na formação das pessoas, ou seja, a arquitetura denota uma ideologia e possui a particularidade de transmitir novos valores e significados. Orser Jr. (2000) aponta as razões que permitem que questões sociais sejam plausíveis de serem abordadas a partir das estruturas arquitetônicas. Estas relacionam-se com a descoberta pelos arqueólogos que estas podem ser “lidas” da mesma forma que os níveis arqueológicos dos solos (estratigrafia vertical), “... las paredes pueden ser escavadas como si fuesen niveles de sedimentos, para descubrir colores e dibujos. Identificar que ventanas y puertas pueden permitir descubrir y discutir cuando fueran contruedas...”. Nesse sentido, ao falar da arquitetura interna das edificações, em Pelotas, na casa da família Maciel, os tetos das salas de convívio, sala de jantar, sala de música, sala de leitura ou biblioteca, estão decorados com motivos de identificação em alto relevo. Na casa Prat Puig, as paredes são ornadas com pinturas murais, de acordo com a importância do aposento estas são mais elaboradas e coloridas.

Figura 1: Foto de detalhe da casa Prat Puig.



Fonte: Autora.

Figura 2: Foto de detalhe da casa 8.



Fonte: Autora.

Dentro destes enredos, o trabalho desenvolveu-se através da Arqueologia Histórica, sob o referencial teórico pós-processual, que de acordo com Funari (2007) insere o indivíduo dentro dos contextos históricos, passando este a ser um personagem ativo dentro dos diferentes sistemas sociais. Assim, a evidência arqueológica é vista pela Arqueologia Histórica como objeto voltado para os estudos dos modos de vida e dos processos sociais do passado. Zarankin e Salerno (2007), consideram que a

utilização da cultura material na construção de identidades exige a exploração das particularidades de cada contexto social dentro do processo da expansão capitalista. De acordo com Orser Jr. (2005), tais preceitos baseiam-se na tentativa de entender os significados atrás das experiências das pessoas, os indivíduos criam seus mundos dentro dos limites culturais existentes na sua época. Dessa forma, os elementos essenciais na arqueologia pós-processual, incorporam conceitos de ação (indivíduo e sociedade), sentido (estrutura), contexto histórico (tempo/espço), símbolos (linguagem e regras) e vinculação entre passado e presente. Hodder (1995) coloca que a arqueologia pós-processual implica na superação de dicotomias estabelecidas e abre caminhos para o estudo das relações entre normas e os indivíduos, entre processos e estruturas, entre o ideal e o material, entre o objeto e o sujeito. Ainda Funari (2003), afirma a arqueologia pós-processual inseriu a disciplina na sociedade, ao preocupar-se com os interesses e inserções sociais, focada na produção do conhecimento com a subjetividade e o comprometimento do arqueólogo com os grupos sociais. Daí surgiram, por exemplo, a arqueologia feminista, ligada aos movimentos feministas e a arqueologia da etnicidade, preocupada com os movimentos de afirmação étnica e racial, objetivando diminuir as diferenças e desigualdades sociais e contribuindo para a manutenção do respeito à diversidade cultural. Dentro desta visão, Shanks e Hodder (1995) colocam que a arqueologia como “ferramenta interpretativa” possibilita jogarmos com evidências do passado.

ARQUEOLOGIA HISTÓRICA – SUBJETIVIDADES, DIVERSIDADES, PLURALIDADES

Deagan (2008) afirma que a arqueologia histórica tem tentado demonstrar as formas em que as variáveis sócio-culturais aparecem nos registros arqueológicos, dentre eles, o reflexo das diferenças de status e a variabilidade comportamental de grupos específicos. Dentro desta corrente, Beaudry, Cook e Mrozonskim (2007), afirmam que os contextos históricos culturais permitem aos seres humanos desempenharem um papel ativo na criação de significados e na moldagem do mundo que cerca, interagindo com seu ambiente. Neste sentido, a cultura material é vista como um meio de comunicação que pode condicionar e, eventualmente, controlar as ações sociais. Ainda, de acordo com Schiffer (1987) e Binford (1979), os sítios arqueológicos urbanos que geralmente

estão localizados em áreas transacionais de nível doméstico, existe a ligação “comportamental” dos artefatos, fornecendo subsídios e levantando o “volume” de vozes antes não consideradas dignas de serem ouvidas. Parafraseando Thiesen (2005), as cidades passam a ser os sítios arqueológicos, no caso desta pesquisa, Pelotas e Habana Vieja, passam a assumir este papel, passando a ser este, o momento da pesquisa, de esclarecer melhor tais representações coletivas. Neste sentido, Connor (2000), coloca que dentro destas estruturas pós-modernas, existe a exploração do mito metropolitano, ao franquear teorias do discurso às vozes daqueles constituídos ou classificados como outro². Conforme Zarankin e Senatore (2002), a sociedade moderna é definida como uma nova ordem, com a inclusão de novas práticas, bem como o cenário desta transformação social. Neste sentido, a compreensão das novas práticas só torna-se possível atendendo às particularidades em que estas se manifestam, levando em conta a pluralidade de grupos dentro do cenário social juntamente com a construção de modelos explicativos, levando em conta os contextos de significação da cultura material e os processos particulares de construção de identidades sociais e relações de poder. Foucault (1977) traduz este poder como o “poder disciplinar”, que funciona através do controle, da regulação e vigilância, na manutenção das vidas, suas atividades sob controle. Esta “mecânica do poder” entra em cena com o capitalismo, capturando tanto o indivíduo, o corpo e a gestão da própria vida. Jeikins (2005) coloca que as condições pós-modernas produzem uma multiplicidade de relatos históricos, uma massa de gêneros, relatos de negros, brancos, mulheres, homens, relatos de herança cultural. Todos, constructos influenciados por perspectivas locais, regionais, nacionais e internacionais. Neste contexto, Perrot (2007) e Costa (1994) afirmam que a história das mulheres possui uma cronologia confusa, nem sempre fácil de estabelecer. A introdução da categoria “gênero”, coloca em segundo plano o sexo biológico. A arqueologia de gênero considera relevante os condicionamentos de poder, relações hierárquicas, ou seja, o sistema social como um “todo dinâmico”. Este “todo dinâmico” vem de encontro a um tema abordado na pesquisa, o papel da mulher nos respectivos contextos domésticos estudados e onde a mulher aparece como uma figura circunscrita nas relações de casamento e filhos, passando da tutela paterna, do pai, para a tutela do marido. A situação da mulher/senhora, que passou de primeira dama rural para primeira

² Marginalizados.

dama da elite pelotense, mas a mudança não foi grande, pois continuava vivendo em uma sociedade caracterizada pelo paternalismo. Mesmo assim, tinha sua liderança nos espaços que lhe cabiam dentro do lar, mesmo com o poder singular, atuava como “mola-mestra” onde seus “dotes” eram necessários. Em Habana Vieja, a situação não era muito diferente. Segundo Rueda e Estrada (2007), no período analisado, século XIX, a história da mulher cubana estava estritamente ligada à família, considerado seu “instrumento de segurança e equilíbrio”. O matrimônio em Cuba era um convênio, um pacto que impedia a escolha livre da mulher, seu pai era quem elegia o noivo ou o marido. Em ambas localidades a situação feminina começa a mudar somente no final do século e início do XX. Neste sentido, continuando com as histórias dos menos avantajados nesta nova sociedade que se formava, em ambas as localidades a mão-de-obra, antes utilizada nas áreas rurais, em Pelotas, nas estâncias, fazendas e charqueadas e em Habana, nas fazendas de plantação de cana, ou seja, nos engenhos, agora, nas áreas urbanas, era a “mão” escrava. Lemos (1989):

[...] a velha casa patriarcal não pode ser imaginada sem a presença do **escravo solícito**: no intra-muros, a vida subindo e descendo escadas, carregando sacos de lixo, feixes de lenha, ‘tigres’(penicos) com as necessidades fisiológicas dos sinhozinhos e das nhandãs, afastando e as moscas do patriarca á mesa. O negro foi elevador, guindaste e ventilador.

Zarankin e Senatore (2002) abordam sobre as mudanças no uso da cultura material na construção de identidades, tanto no que se refere a etnicidade, status, gênero; tais mudanças expressam novas hierarquias e relações de poder. Funari (2005) afirma que o estudo da cultura material histórica permite conhecer as tensões sociais e a variedade de situações vivenciadas. Paraphraseando diversos autores que teceram observações sobre as unidades domésticas urbanas, como Zarankin, Funari e Symanski (1988), é neste espaço que são incorporadas as ideias de público e privado, ou seja, dos espaços delimitados às atividades específicas, como cozinha (preparo de alimentos), dormitório (dormir), sala (reunião familiar, refeições), pátio (jogos). Essa espacialidade proporciona a assimilação do “jogo de controle”, a noção exata dos lugares permitidos ou de acesso e os limites, como paredes, portas, janelas, até na comunicação verbal, “meu”, “teu”. Dentro deste contexto, o artefato atua como indicador de relações sociais, mas, como parte da cultura material, também atua como mediador das atividades humanas. Funari (2003) exemplifica a observação quando aborda o manuseio de

artefatos como a xícara, que seguramos pela alça e uma taça de vinho, que seguramos pela haste, ambos artefatos, objetos que aparecem no meio social, como “mediadores” entre os indivíduos e o contexto cultural a que estes pertencem, trazendo consigo seus valores simbólicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica claro, portanto, que os contextos espaciais e temporais estudados, Habana Vieja e Pelotas, ao receber a gama de novidades nos aspectos ideológicos, econômicos e sociais, foram radicalmente atingidos por mudanças no seu comportamento, tanto na parte social como cultural. Dentro desse processo, os novos valores não se estabelecem isoladamente, foram sendo formados nas faces externa e interna das sociedades, no cotidiano, no lar dos indivíduos, no comércio. Junto com tais renovações contextuais, vieram a exploração e o subjugo. Nesse cenário, a “domesticação dos espaços” e sua relação com a história e a arqueologia, a sede doméstica como um espaço de convivência. Diante destas considerações pude comprovar através das análises realizadas com o material arqueológico – a louça doméstica – a diversidade espacial e a simbologia estampada em cada artefato: **pratos** (refeições – sala de jantar – uso pelos dois sexos), **potes e tigelas** (armazenamento/conservação de alimentos – dispensa – reduto feminino), **urinóis, bacias p/água** (higiene pessoal de ambos os sexos), **escarradeiras** (sala de estar – reduto masculino). Também, ambas unidades domésticas “fornecedoras” da louça estudada, embora situadas em espaços geográficos diferentes, abrigavam material arqueológico com a tipologia bastante semelhante. Nos estudos, foram utilizados somente fragmentos de faiança fina com tamanho suficiente para sua identificação, ou seja, a que tipo de artefato pertencia, à um prato, xícara, pires e outros. Por fim, a comprovação da relação, do envolvimento da Arqueologia Histórica com a cultura material, resultando esta última em um instrumento, uma ferramenta para interpretação de sociedades passadas.

REFERÊNCIAS

- BEAUDRY, M.; COOK, L.; MROZONSKI, S. Artefatos e vozes ativas: Cultura Material como discurso social. **Vestígios** – Laboratório de Arqueologia, Belo Horizonte – FAFICH – UFMG, 2007
- BINFORD, L. Organization and Formation Processes: Looking and Curated Technologies. **Jornal of Antropological Research**, v. 35, n. 3, University of New México, 1979.
- BLANTON, R. **Houses and Houses Holds: A Comparative Study**. New York: Plenum Press, 1994.
- CONNOR, S. **Cultura Pós-Moderna: Introdução às teorias do contemporâneo**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- COSTA, E. Sobre o acontecimento discursivo. In: **História no Plural**. Brasília: UNB, 1994
- DEAGAN, K. Lineas de Investigación Histórica. **Vestígios** – Laboratório de Arqueologia, Belo Horizonte – FAFICH – UFMG, 2008.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Rio de Janeiro: Editora Forence Universitária, 1977.
- FUNARI, P. P. A. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.
- _____; CARVALHO, A. V. **Palmares, ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. **Arqueologia e Patrimônio**. Erechim: Habilis Editora, 2007.
- HODDER, I. **Interpretación en Arqueologia**. Corrientes Actuales. Barcelona: Crítica, 1995.
- JENKINS, K. **A História Repensada**. São Paulo: Contexto, 2005.
- LEMOS, C. **História da Casa Brasileira: casas coloniais, casas urbanas e casas rurais, a história burguesa**. São Paulo: Nobel Editora, 1989.
- ORSER JR., C. **Introducción a la Arqueologia Histórica**. Buenos Aires: INALP, 2000.
- _____. O Desafio da Raça para a Arqueologia Histórica Americana. In: **Identities, Discurso e Poder: estudos da arqueologia contemporânea**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2005.
- PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

SCHIFFER, M. **Formaton Process of the Archaeological Record**. Albuquerque: University of New Mexico, 1987.

SHANKS, M.; HODDER, I. Processual, postprocessual and interpretative archaeologies. In: **Interpreting archaeology – finding meaning in the past**. London, 1995.

SYMANSKI, L. C. **Espaço Privado e Vida Material em Porto Alegre no século XIX**. Porto Alegre, 1998.

THIESEN, B. V. **Fábrica, Identidades e Paisagem**: arqueologia da Boop Irmãos. 2005. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2005.

VERA ESTRADA, A.; RUEDA, J. M. Cuaderno sobre la família. **Centro de Investigación y Desenrollo de la cultura cubana Juan Marinello**, Havana, 2007.

ZARANKIN, A. **Paredes que Domesticam**: Arqueologia da Arquitetura Escolar Capitalista, o caso de Buenos Aires. Campinas: IFCH – UNICAMP, 2002.

_____; SENATORE, M. X. **Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul**: Cultura material, Discursos e Práticas. Buenos Aires, 2002.

_____; SALERNO, M. El Sur por el sur: una revisión sobre la historia en América Meridional. **Vestígios** – Laboratório de Arqueologia. Belo Horizonte – FAFICH – UFMG – 2007.